



Mapeando instituições, pluralizando olhares

Mapping out institutions, pluralizing looks

Sérgio Dias Cirino
Rodrigo Lopes Miranda
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Resenha do livro:

Jacó-Vilela (Org.). (2011). *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil*.
Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP.

O escritor Guimarães Rosa afirmou que, ao completar cem anos, publicaria seu livro mais importante: um dicionário (Rosa, 1983)¹. A profusão de neologismos na obra do autor permitiria, facilmente, a publicação de dicionário para mais de mil páginas. *Nonada*, a primeira palavra de *Grande Sertão: veredas* (Rosa, 1986), com certeza seria um dos verbetes. Contudo, Guimarães Rosa morreu dois anos após ter feito a referida afirmação. Ele não completou cem anos e não publicou um dicionário. Sem o recurso do dicionário, o leitor de Guimarães Rosa precisa fazer – ele mesmo – o esforço de compreensão. É bem provável que parte da magia dos textos de Rosa venha de tal esforço do leitor. A ele, o leitor, é permitido que dê novos sentidos, mesmo às palavras já amplamente consagradas no léxico popular. Ao leitor, também é permitido que invente os sentidos para as palavras que não estão dicionarizadas. As experiências com outros textos lidos anteriormente, as experiências da vida em sociedade e as experiências culturais mais amplas contribuem para que o leitor se forme como sujeito da leitura. Assim, pelo menos do ponto de vista da fruição estética, o leitor de textos literários pode prescindir de dicionários.

Contudo, é interessante observar que, para além da fruição, ao leitor interessado em saber mais, em se aprofundar na compreensão da obra, a conversa é outra. Felizmente, a obra de Guimarães Rosa tem sido objeto de inúmeros debates, estudos, dissertações, teses, ensaios e dicionários! Mas, e o psicólogo brasileiro? Será que ele necessita se utilizar de dicionários? Para a Editora Imago e o Conselho Federal de Psicologia (CFP) a resposta parece ser sim.

Com organização de Ana Maria Jacó-Vilela foi lançado, recentemente, o *Dicionário de instituições de psicologia no Brasil*. A obra é fruto de uma extensa pesquisa realizada entre os anos de 2006 e 2009, com o apoio do CFP e dos Editais CAPES/PROCAD de 2005 e 2007. Pesquisadores da UERJ, UFMG e PUC/SP estavam no comando da pesquisa que contou, ainda, com a participação do Grupo de Trabalho (GT) em História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP).

¹ Trabalho desenvolvido com recursos CAPES, CNPq e FAPEMIG.



De capa dura e impressão muito boa, ao folheá-lo, tem-se a impressão de que o exemplar suportará, por muitos anos, inúmeras buscas de verbetes. A lista de autores dos verbetes aparece logo nas primeiras páginas. O sumário indica como o dicionário está organizado, a saber: Apresentação; Introdução; Lista de instituições; Os verbetes propriamente ditos; Breve biografia dos autores; Índice onomástico e Índice remissivo das instituições.

A apresentação é de autoria de Humberto Verona, atual presidente do CFP. Num texto objetivo, Verona indica que o atual *Dicionário de instituições* foi precedido pelo *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil*, organizado em 2001 por Regina Helena de Freitas Campos. Verona também salienta que tanto o dicionário biográfico, quanto o de instituições, insere-se num projeto maior do CFP de Memória da Psicologia Brasileira. Por fim, lembra que o dicionário de instituições ganha sentido especial pela perspectiva de comemoração dos 50 anos da profissão no Brasil, que serão completados em 27 de agosto de 2012, cinco décadas depois da publicação da Lei 4.119.

Na introdução, a organizadora Jacó-Vilela observa que o *Dicionário de instituições* é um trabalho em progresso. Ela afirma que o livro será complementado quando da publicação de sua versão *online*. Esse esforço permitirá incluir informações e instituições que, por ventura, ainda não haviam sido pesquisadas. Além disso, poderá servir de ocasião para que profissionais interessados na história da psicologia no Centro-Oeste e, especificamente, em Goiás, enviem suas contribuições, bem como dos pesquisadores do Norte. Isso porque poucas instituições da região Centro-Oeste tornaram-se verbetes e, para Goiás, inexistiu uma entrada no Dicionário. Para o Norte, apenas o Pará foi contemplado.

A ausência de verbetes de alguns estados brasileiros representa, por um lado, uma falha do dicionário. Por outro, pode servir como um convite à pesquisa na história da psicologia. Como a própria organizadora afirma: “nossos atuais fazeres acadêmicos e profissionais geram perguntas que muitas vezes necessitam interrogar sua história, seu passado, para melhor compreenderem e, se necessário e possível, modificarem seu presente” (Jacó-Vilela, 2011, p.15). O *Dicionário de instituições* se concretiza, portanto, como um esforço de suprir carências anteriores.

Ao todo, são 264 verbetes distribuídos ao longo de 546 páginas. A lista com os nomes de todas as instituições que se tornaram verbetes está logo nas primeiras páginas. É uma lista muito útil para que se tenha uma idéia geral de quais instituições estão dicionarizadas na obra. Essas instituições representam diversas cidades e estados do Brasil. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética, a partir do nome mais recente da instituição em questão. Logo após cada nome, é indicada também sua sigla, caso a tenha. Em seguida, as datas - pelo menos a de criação e, em muitos casos, também a da dissolução. Um recurso muito útil é a lista de outros nomes da instituição. Logo abaixo do nome, e alinhados à direita, são disponibilizados - quando é o caso - os nomes anteriores, com suas respectivas datas de criação e dissolução. Por exemplo, na página 127, o atual “Complexo Hospitalar do Juquery”



era, entre 1923 e 2006, conhecido como “Hospital do Juquery”. E, entre 1898 e 1923, como “Hospício e Colônias de Juquery”.

Os textos de cada verbete não variam muito de tamanho. Instituições já consagradas no percurso histórico da psicologia poderiam, a princípio, merecer um texto mais longo. Contudo, é provável que tais instituições já tenham sido bastante estudadas e que já tenhamos bastante material escrito, e publicado, sobre elas. Assim, não faz muito sentido que o texto do verbete seja longo. No outro extremo, instituições que tiveram menor importância histórica para a psicologia mereceriam um texto mais curto. Não! Talvez tais instituições sejam consideradas como menos importantes justamente pelo fato de terem sido negligenciadas. Não sabemos... Pode ser que, a partir do verbete publicado, alguém se interesse em investigar melhor e se descubra, no futuro, que tal instituição teve importância muito maior do que se pensou até então. Portanto, o tamanho mais ou menos igual, nos textos dos verbetes, confere um equilíbrio harmonioso no conjunto e indica uma postura bastante elegante da organização do dicionário. O que importa é que o verbete sirva como uma boa chave para que o leitor interessado encontre outros textos, mais profundos. Importa que o verbete sirva, de certa forma, como um bom “começo de conversa”.

É interessante observar que, em inglês, o termo “verbetes” é “*entry*”, que pode ser traduzido para o português como “entrada”. Assim, apontando-se na direção, já referida acima, de que um dicionário pode ser um bom começo de conversa, o Dicionário aqui analisado cumpre integralmente a concepção de “entrada”, nos verbetes dos dicionários em língua inglesa. Ao final de cada verbete, há uma pequena lista de referências. Dessa forma, o leitor interessado poderá se beneficiar de tais referências, partir para outras conversas e avançar no conhecimento.

A lista de autores é quase tão extensa quanto a de verbetes. Ao todo, são 261 autores. Dois elementos se destacam em uma observação inicial na lista de autores. O primeiro, salientado por William Gomes, atual coordenador do GT de História da ANPEPP, realça o fato de que, no processo de escrita dos verbetes, participaram 186 autoras e 75 autores. O segundo é que os autores são de inúmeras instituições públicas e privadas do Brasil. As filiações desses autores não são compostas apenas por instituições de ensino superior, mas também por Secretarias de Estado e Fundações. Esses dois elementos auxiliam a observar que a história da psicologia é um objeto de estudo para diversos profissionais, com perspectivas diversificadas sobre a cronologia da psicologia brasileira. Portanto, a lista de instituições e de autores do livro representa a pluralidade de olhares e a extensão que o campo da história da psicologia vem atingindo, no país.

Duas seções no *Dicionário de instituições* são de extrema importância para uma obra com 546 páginas. São elas: o Índice Onomástico e o Remissivo. No Índice Onomástico, constam os nomes dos autores que contribuíram com o Dicionário e daqueles que participaram das instituições que se tornaram verbetes. A organização desses nomes se dá a partir do sobrenome de cada personagem. Por exemplo: procurando por *Carolina Martuscelli Bori*, nota-



se que seu nome encontra-se na página 467 desse Índice. Verifica-se que há três formas diferentes de entrada para seu nome: *Carolina Martuscelli Bori*; *Carolina M. Bori* e *Carolina Bori*. Além das três formas de entrada, verifica-se também a presença de um asterisco. Tal marcação é indicativa de que aquela pessoa, no caso Carolina Bori, é também um verbete no já referido *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil*. Conclui-se, então, que o índice onomástico viabiliza concretamente um diálogo profícuo entre as duas obras, fazendo valer o ideal do CFP de um projeto maior de Memória da psicologia brasileira.

O Índice Remissivo compreende a listagem de instituições que são verbetes. Ao buscarmos, por exemplo, pelo *Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte*, verifica-se que ele se encontra na página 532 desse Índice. O leitor, com interesse singular, poderá ir direto às páginas 187 e 222, nas quais esse Laboratório foi mencionado. Consequentemente, ele não precisará percorrer os verbetes dos 31 outros laboratórios que são entradas no *Dicionário de instituições*. As presenças do Índice Onomástico e do Remissivo constituem uma deferência ao leitor, no momento de organização e edição da obra.

A obra destina-se claramente aos psicólogos interessados na história da psicologia. Porém, a gama de leitores potenciais é bem maior. Primeiramente, o *Dicionário de instituições* pode contribuir com professores e estudantes de psicologia. O livro abre a possibilidade, por exemplo, de que esses sujeitos reflitam sobre as instituições às quais se vinculam e que se tornaram verbetes. Permite que eles vejam a disseminação da psicologia em sua cidade e estado. Também possibilita que observem a diversidade de espaços em que a psicologia atua, e atuou, em sua localidade. O Dicionário torna-se, portanto, um recurso de informação e um dispositivo didático. Em segundo lugar, os interessados na história das ciências humanas e da saúde no Brasil podem se beneficiar da leitura da obra, especificamente os envolvidos com história da educação e história da medicina. Isso porque importantes atores e instituições, vinculados a esses campos, compõem o *Dicionário de Instituições*.

Para o campo da história da educação, por exemplo, *Manuel Bergström Lourenço Filho* – educador conhecido, sobretudo, por sua participação no movimento dos pioneiros da Escola Nova – é mencionado diversas vezes. Nessa mesma direção, o leitor encontra o verbete do *Gabinete de Antropologia Pedagógica e Psicologia Experimental da Escola Normal de São Paulo*. Esse foi um importante espaço para a afirmação da Pedagogia como ciência, no Brasil (Carvalho, 1997/2006). Para a história da medicina, encontra-se, por exemplo, *Carlos Arthur Moncorvo Filho*, intelectual de destaque na configuração da pediatria como especialidade médica, no país (Pereira, 2008). A atuação desse personagem é mencionada no Dicionário a partir do *Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI)*, campo de destaque no cuidado com a infância brasileira e difusão de saberes higienistas. Outro exemplo de potencial interesse para a história da medicina é o verbete Instituto Raul Soares (IRS), espaço importante do desenvolvimento da psiquiatria, em Belo Horizonte (Silveira, 2008). Esses são apenas alguns



exemplos de autores e verbetes que tornam o *Dicionário de instituições* uma leitura que responde a diferentes interesses de pesquisa e uso.

Em 1915, certo menino chamado João, de 7 anos de idade, começou a estudar francês, a partir de um presente dado por um amigo de seu pai: um dicionário. Esse tal menino cresceu e se transformou em Guimarães Rosa. Seria apressado afirmar que o dicionário do menino João tenha tido influência direta na grandiosa obra do adulto Rosa. Mas, certamente, podemos afirmar que o dicionário, na tenra idade, foi uma aposta numa educação de qualidade. Para os que apostam na qualidade do ensino e da pesquisa em psicologia, no Brasil, o convite à leitura do *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil* está feito.

Referências

- Campos, R. H. F. (Org.). (2001). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP.
- Carvalho, M. M. C. (2006). Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização de pessoas. Em M. C. Freitas (Org.). *História social da infância no Brasil*. (6a ed., pp. 291-309). São Paulo: Cortez. (Original publicado em 1997).
- Jacó-Vilela, A. M. (2011). Introdução. Em A. M. Jacó-Vilela. (Org.). *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil* (pp. 15-18). Rio de Janeiro: Imago; Brasília: CFP.
- Pereira, J. S. (2008). *História, ciência e infância: narrativas profissionais no processo de singularização da pediatria como especialidade*. Belo Horizonte: Argumentum.
- Rosa, J. G. (1983). Diálogo com Günter Lorenz. Em E. F. Coutinho (Org.). *Guimarães Rosa* (pp. 62-97). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Rosa, J. G. (1986). *Grande sertão: veredas* (20a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Original publicado em 1956).
- Silveira, R. D. (2008) *Projeto Lopes Rodrigues: continuidades e rupturas nas conexões entre ensino psiquiátrico e prática assistencial em Minas Gerais (1920-1930)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Educação, Belo Horizonte, MG.

Notas sobre os autores

Sérgio Dias Cirino é doutor pela Universidade de São Paulo e professor associado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG). Coordenador do Laboratório de Psicologia e Educação Helena Antipoff (LAPED) da FaE-UFMG. Membro do GT de História da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-



graduação em Psicologia). Bolsista de Produtividade CNPq 2. Desenvolve pesquisas relacionadas aos temas de história do ensino de psicologia no Brasil; história da análise do comportamento e história da formação de professores no Brasil. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com

Rodrigo Lopes Miranda é mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG). Doutorando pelo mesmo Programa. Bolsista de doutorado CAPES. Desenvolve pesquisas relacionadas aos temas de história do ensino de psicologia no Brasil; história da análise do comportamento e história da psicologia experimental no Brasil. E-mail: dingoh@gmail.com

Data de recebimento: 05/10/2011

Data de aceite: 08/11/2011